



EDITORIAL

Felipe Gonçalves Pinto
Luis Cesar Fernandes de Oliveira

PPFEN-CEFET/RJ
Editores da Revista Estudos de Filosofia e Ensino

No contexto pandêmico do ano de 2020, três professores de filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) organizaram e ofereceram, a partir de suas pesquisas, o curso de Extensão “Os filósofos e o medo da morte”. Além de dialogar diretamente com os afetos e questões que marcaram, e ainda marcam, a emergência da pandemia de Covid-19, o curso tornou-se frutífera oportunidade para o diálogo e a colaboração entre pesquisadores, professores e estudantes de Filosofia, da educação básica à pós-graduação, de diferentes instituições do Brasil. Um de seus frutos foi a participação dos proponentes do curso na gravação do “Episódio 2 – A filosofia e o medo da morte” do *podcast Pensatório*, disponível nas plataformas de *streaming*. Outro fruto é justamente este número da Revista Estudos de Filosofia, cuja edição ficou a cargo de **Francisco José Dias de Moraes**, um daqueles três responsáveis pela oferta do referido curso de Extensão, além de **Bianca Vilhena** e **Marcelo Senna Guimarães**, professores e pesquisadores de Filosofia que foram alunos do curso e participaram da produção do *podcast*. Também são frutos dessa experiência dialógica e colaborativa os trabalhos que compõem este número, provocados pelas reflexões compartilhadas ao longo do processo e apropriadas de acordo com os diferentes contextos de pesquisa e ensino de seus autores.

No trabalho que abre esta edição, “Fanzinagem filosófica sobre o medo da morte”, Everton Grison apresenta a experiência de produção coletiva de fanzine a partir da *Apologia de Sócrates*, de Platão. O artigo traz os diferentes olhares de um grupo de estudantes sobre a confrontação socrática com a morte no texto platônico,

PINTO, F.G.; OLIVEIRA, L.C.F. de
Editorial

ressignificando-a pelos atravessamentos de perspectivas estéticas e temas contemporâneos explorados pelos jovens.

Em “Montaigne e a preparação para a morte”, Marcelo da Costa Maciel submete à análise crítica o ensaio *De como filosofar é aprender a morrer*, de Michel de Montaigne, confrontando as ideias ali presentes a respeito da atitude filosófica diante da morte a outros momentos da obra de Montaigne, evidenciando assim, em torno do tema da morte, algumas das múltiplas facetas que compõem o retrato fragmentário do filósofo.

O artigo “Virtude e morte no pensamento de Aristóteles”, de Brunno Alves da Silva, explora os silêncios e lacunas do *corpus aristotelicum*, particularmente da *Ética a Nicômaco*, a respeito do tema da morte, buscando desdobrar implicações éticas de vida e de morte a partir da reflexão aristotélica sobre a virtude, evidenciando desde essa perspectiva a centralidade da coragem no pensamento ético do filósofo.

Ainda em torno do pensamento aristotélico, “A felicidade e a instabilidade das coisas humanas”, de Everton de Jesus Silva, analisa a *eudaimonía* enquanto bem supremo para o ser humano, considerando os desdobramentos a respeito da instabilidade da vida e a possibilidade de uma vida feliz a partir da argumentação de Aristóteles diante da tese de Sólon segundo a qual é preciso ver o fim para se avaliar uma vida.

Em “Notas introdutórias para a compreensão de ‘A morte voluntária’, de F. Nietzsche”, da autoria de Affonso Henrique Vieira da Costa, o tema da morte voluntária na obra de Friedrich Nietzsche é pacientemente interpretado e filosoficamente contextualizado no esforço de pensar o fim da metafísica e a temporalidade das transfigurações anunciadas por Zaratustra.

Também no âmbito da obra de Nietzsche, “Zaratustra e a morte como festa”, de Ícaro Meirelles Figueiredo, trabalha a celebração da finitude nas figuras da inocência e da graça, contrapondo o pensamento nietzschiano a dois dos paradigmas ocidentais da morte, a saber, como expiação da culpa e como passagem para a eternidade.

Em “Algumas notas sobre Martin Heidegger e o conceito de morte nos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*”, de Edinei Marcos Grison, a concepção heideggeriana de morte em *Ser e Tempo* é analisada a partir das contribuições de comentadores contemporâneos.

PINTO, F.G.; OLIVEIRA, L.C.F. de
Editorial

Pascal e Heidegger são postos em diálogo em dois diferentes percursos. No primeiro deles, o artigo “Morte, medo e transcendência em Pascal e Heidegger”, de Felipe Mandato e Francisco José Dias de Moraes, o medo da morte é analisado à luz da impessoalidade e do *divertissement*.

Já o artigo “Sobre o medo da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger”, de Écio Élvis Pisetta, apresenta os questionamentos e tensões a respeito do medo da morte no pensamento de Blaise Pascal, explicitando, a partir daí, os sentidos da angústia na experiência da finitude proposta pela analítica existencial de Martin Heidegger.

No artigo “Crítica da razão negra e Racionais MC’s: organização e medo da morte”, de Luana Lima e Amanda Filgueiras Flor, a subversão do medo da morte é trabalhada na perspectiva das desigualdades sociais que estão na base de sociedades desenvolvimentistas e estruturalmente racistas, mobilizando o diálogo entre a necropolítica evidenciada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe e a atuação e produção do grupo de rap Racionais MC’s no contexto das periferias urbanas.

Fechando este número, contamos com uma abordagem filosófica do filme “Elefante” (Gus van Sant, 2013), ficção baseada no episódio do massacre em Columbine, a partir da noção de crise na educação de Hannah Arendt, convidando o leitor a pensar a respeito dos impasses de uma educação atingida pela crise do mundo contemporâneo na “Resenha do filme Elefante, de Gus Van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt ‘A crise na educação’”, de Bianca Vilhena C. Pereira.

Boa leitura!